

Anedota novecentista :O mau gosto é sempre o mau gosto da época que nos precedeu.

Novecentista - São eles cruzados de uma nova cruzada, desejosos de conquistar, não a cidade que guarda o Santo Sepulcro, mas a tumba onde os eunucos cadavéricos da vida e os gnomos raquíticos das artes enterraram a beleza!!!

- A arte da beleza contra a arte da expressão.
- O desenho contra a música
- A lei da constância contra a a lei da evolução
- A autoridade contra a anarquia
- Roma contra Babel
- Esculápio e Diana de Empúrios contra a Sagrada Família de Gaudy.
- O império elevando-se contra a crise do princípio nacional.
- O esforço da unidade contra o gosto da dispersão
- A política da missão contra a política da irresponsabilidade
- O sinal do pai contra o sinal do proletariado
- A palavra feita problema contra a palavra viva
- O lavrador contra o rústico
- O europeísmo orseonista contra o africanismo unamunista
- A obra bem feita contra a obra inacabada
- Contra Teresa de Ávila, Teresa a Benfeita
- Escreve Ortega y Gasset: Sim senhor, nada modernos mas muito século vinte.

D'ORS--E é por esta razão que agora queria falar-vos da Bem-Feita que floriu mais alta que as outras naqueles dias de calor e ouro, dentro de um humilíssimo lugar de veraneio, muito pequeno e todo branco à beira da amplitude e azul do Mediterrâneo.

Ao cair da tarde conversais com os vossos amigos no Casino. E todos os Vossos amigos a viram ao mesmo tempo e viram-na da mesma maneira.

A admirável criatura passeia neste momento pela praia. Vbi conversando com umas amigas. E sempre a mais alta e mais alta que ela só há o céu e a noite. Callem-se, prestem atenção... Haveis ouvido como a Bem-Feita fala com as suas amigas em Catalão puro e impecável.

A Bem-Feita tem um metro e oitenta e cinco de altura. Do chão à cintura um metro e vinte cinco, sessenta centímetros da cintura para cima. A volta desta feliz desproporção inicial agrupam-se em todo o resto as mais impecáveis proporções.

Como te chamas, ó Bem-Feita?

TERESA--Ao vosso dispor, chamo-me Teresa.

D'ORS--Teresa é um nome castelhano. Ali para o centro é um nome altivo, chameante, amarelo, céptico, áspero. É um nome que rima com todas aquelas coisas das quais tanto se fala, da "Forte terra Castelhana", da "Paisagem cinzenta, austera, nua", ... de "Ávila dos Cavaleiros", da "mística sensualidade, esposa de Cristo ou mulhereca". Já sabeis, já, que espécie de coisas quero dizer. Para ela as ocupações escalonam-se pela seguinte ordem de preferências:

Teresa - Primeira, dormir.

- Segunda, tomar banho de mar.

- Terceira, ir ao teatro.

- Quarta, dançar.

- Quinta, receber cartas das amigas.

- Sexta, cozer.

- Sétima, lavar no Verão, se Eho permitissem, com os braços Bem metidos na água.

- Oitava, ler.

- Nona, fazer visitas, conversar e outros deveres que a sociedade impõe.

- Décima, responder às cartas das amigas.

D'ORS - Como te chamas ó Bem-Feita?

Teresa - Ao vosso dispor, chamo-me Teresa.

Le ben Plantado.
Eugeni D'Ors

100

1912-

- Convidado por Fernando Diaz de Mendoza, Adriã Gual dá em Madrid três sessões espectáculo sobre a história do teatro que intitula O Génio da Comédia. Estreia: Pebofa nestas sessões Maria Fernanda Ladiou de Guevara.
- Em Geret, Manolo inicia a escultura estruturalista.
- Continua a guerra de Marrocos.
- Funda-se o partido bolchevique em Praga.
- Nascem: Dionisio Ridruejo e José Luis Cano

107

- 1912

- Schonberg compõe "Pierrot Lunaire"

1913-

-Aceitação das normas biográficas de Pompeu Fabra Pelo Instituto de Estudos Catalães.

Nascem: Bartolomeu Rossello, Porcel, Salvador Espriu, Juan Teixidor e Albert Camus

Fevereiro de 1913:

Adria Gual funda a Escola Catalã de Arte Dramática.

-Torres Garcia fez as pinturas murais do salão de Sant. Jordi, por encomenda de Prat de la Riba.

- Agitação na Irlanda.

-A Turquia, vencida só conserva na Europa Constantinopla e uma pequena parte da Trácia.

-Segunda guerra balcânica

-Jacques Copeau funda o "Vieux Colombier".

Buenos Aires tem uma gaita
sobre o Rio da Prata,
que o vento do norte toca
com a sua cinzenta boca.

Triste Ramón de Sismundi!
Ei-lo na rua Esmeralda,
vassoura que te vassoura
pó de estantes e de caixas.
Ao longo das ruas sem fim
os galegos passeavam
sonhando um vale impossível
na verde encosta da pampa.
Triste Ramón de Sismundi!
Sentiu o murmúrio da água
quando sete bois da lua
pastavam na sua memória.
Foi para a beira do rio
beira do Rio da Prata.
Chorões e cavalos mudos
quebram o vidro das águas.
Já Não ouviu o gemido
melancólico da gaita
não viu o imenso gaiteiro
com a boca florida de asas;
Triste Ramón de Sismundi,
à beira do Rio da Prata
viu na tarde amortalhada
um muro vermelho de lama.

(Federico Garcia Lorca,"Canção do rapaz da loja")

Pedro foi trabalhar para a loja do Manuel, que fornecia todas as "estancias" vinte léguas em redor. Ali as facas afiadas cortavam o aré para dirigir semelhante negócio era preciso ter fama de valente; muitas vezes era preciso enfrentar a morte e não mostrar cara de caso.

Imaginal Pedro atrás de um balcão protegido com barras de ferro e com revólver no peito? Não; ele seria capaz de comer um carneiro por dia, de mastigar bolachas a eito de chupar a medula dos ossos a Manuel; mas não era homem para aqueles trabalhos. Levava muito tempo a aviar ~~se~~ e ainda não atinava com as coisas nem lhes sabia os preços.

---Pucha qu'ess lerdo, Gringo!-diziam os fregueses.-Calamidade!-gritava-lhe Manuel.

E Pedro inquietava-se mais.

Uma manhã entrou na loja um gaúcho e, depois de engolir dois copos de genebra, pede a guitarra e começa a tocar "estilos" como se quizesse esquecer amores infelizes. Entra depois outro gaúcho, arrastando as esporas e fazendo tilintar adornos de prata; pede genebra e, com modos grosseiros, desafia o guitarrista. Este responde com "milongas" improvisadas. Os gaúchos foram azedando com a conversa e começaram a insultar-se. E quando já puxavam das facas ouviu-se a voz forte de Manuel:

---Vão bulhar lá para fora senão corro-vos a tiro. Parou a brincadeira!

Pedro sente arrepios na espinha.

Os gaúchos obedeceram e depois de uma luta digna de ser contada, entra o guitarrista na loja limpando a faca nas botas, enquanto o outro foge no seu cavalo meio desfalecido e com a cara coberta de sangue.

O vencedor pede mais genebra e põe-se a dedilhar "malanbos" na guitarra. Nisto entra um estrangeiro de ar suspeito, mãos duras, peito forte, nariz vermelho, orelhas em ferida das frieiras, revólver no cinto de coiro.

Passaram as horas. O gaúcho e o estrangeiro estão bêbados e travam amizade; mas a carinham-se demais uns aos outros.

Hermano!-- diz o gaúcho esfregando-lhe teimoso as orelhas que já pingam.

Compadrito!-- diz o estrangeiro dando-lhe palmadas ressoantes nas costas.

E duma forma ou doutra foram-se insultando para acabar mal. O estrangeiro já sem paciência atira com o gaúcho ao chão e saca do revólver. O gaúcho desembainha a faca e quer levantar-se, mas soam dois tiros e cai inerte.

Manuel já está fora do balcão e tem o criminoso de borco debaixo dos joelhos, tentando morder-lhe as mãos. Os gritos do estrangeiro enchem a terra e os gritos de Manuel chegam ao céu. Pedro tinha-se agachado atrás duns sacos de açúcar a rezar pela alma e quando observa o que se está passando, repara que o seu meio irmão amarra num feixe macabro o criminoso e a vítima.

Não há palavras que cheguem para vos contar as angústias e os arrepios que naquela noite passou o pobre comilão, pois Manuel teve de sair a cavalo buscar a Lei e ele ficou na companhia de um rapaz a vigiar o medonho feixe. A luz da candeia e as sombras nos cantos, a cara carrancuda do criminoso e a poça de sangue, o sintilar do revólver, o silêncio lá fora... Pedro tremia de medo a ponto de dar em doido. Manuel chegou no calor da tarde com o juiz e os polícias. Enterraram o morto numa lomba

onde já estavam enterrados outros três.

Levaram o estrangeiro e os dois irmãos olharam-se cara a cara!

Eu não sirvo, Manuelinho!--disse Pedro.

E rompeu a chorar.

- 1914
- A Grande Guerra
- Assassínio de Jaurès
- Pronunciamento monárquico de Mafra
- António Sardinha funda o Integralismo Lusitano
- Júlio Dantas escreve "Pátria Portuguesa"
- James Joyce começa a escrever "Ulisses", que acabará seis anos depois.
- "Platero y yo" de Juan Ramón Jiménez
- Claudel estreia "A troca" e "O refém"..
- Leonardo Coimbra: "O pensamento criacionista"
- Ortega y Gasset: "As meditações de D. Quixote"
- Tairov funda em Moscovo o "Kamerny Teatr"
- Fernando Pessoa escreve a primeira poesia de Ricardo Reis e cria o heterónimo Alberto Caeiro.
- André Gide: "As caves do Vaticano"
- "A revolta dos anjos" de Anatole France
- Sá-Carneiro inicia o seu convívio com Fernando Pessoa. Escreve "A confissão de Lúcio" e "Dispersão".
- Utrillo: "Le lapin agile"
- Hasenclever escreve "O filho", tragédia expressionista.
- Filmes:
- "Cabíria" de Giovanne Pastrone
- "A consciência vingadora" de Griffith
- Ince: "A batalha de Gettysburg"
- A continuação de "Fantomas" de Louis Feuillade
- Charles Chaplin e Mack Sennett: "As bodas de Charlot"
- Bertolt Brecht publica as suas primeiras poesias e histórias curtas.
- Adria Gual, o homem de teatro, descreve assim Paris no seu diário:
- "Não, aquele não era o Paraís amigo que eu conhecia. Naquela mesma noite os "boulevards" estavam pejados de grupos que comentavam factos e noti-

cias. A guarda republicana percorria-os a cavalo, dum extremo ao outro. Que se passava? Acabavam de assassinar Jaurès ali mesmo no café "Croissant". Não, aquele não era o Paris que eu amava. No dia seguinte, as ordens de mobilização geral já estavam afixadas nas paredes, na via pública. A tragédia internacional estalava ali onde a minha companhia se preparava para representar uma comédia de Molière... É impossível descrever aquele Paris. Caras assustadas de pessoas desvairadas, lágrimas contidas, requisição de automóveis. Pelotões de soldados recrutados a cem à hora, meio fardados. Dificuldades de trânsito e de alojamento, súbita paragem de toda a actividade. Era a guerra.

- Guerra
- Guerra
- Guerra
- Grande Guerra
- Guerra Europea
- La Grande Guerra
- Une drôle de guerre
- Oh! What a lovely war
- Parvaya mirovaya veind
- Es war aber ein wunder_schöner Krigg, trotzdem wir sie verloren haben.
- 1914-18: Primeira guerra mundial: treze milhões de mortos, onze milhões de mutilados, cinquenta milhões de soldados nas trincheiras, seis biliões de projecteis, cinquenta biliões de metros cúbicos de gases.

Em Itália, o futurismo representava um anseio de progresso material, quando o presente vivia esmagado pela mais longa e gloriosa história da arte. Em Paris, o cubismo representava um desejo de método e disciplina ao ficarem esgotadas de todo as possibilidades do anarquismo artístico dos últimos tempos. O expressionismo dos alemães representava um retorno à espiritualidade quando se deram conta de que a própria ciência, originariamente espiritual, ia a caminho de tornar-se simples servidora da técnica. A arte russa, por fim, tão popular e tão nova, representou e representa ainda, um renascimento da cultura própria contra as culturas alheias que tinham amarfanhado toda a possibilidade de criação artística original e genuína.

Em Espanha, o movimento de renovação manifestou-se no terreno da política porque foi o Estado quem aferrolhou a liberdade dos povos; mas no fundo, aqui, como em toda a parte, não há mais do que um desejo: o de libertar o espírito. E eu digo-vos que o movimento libertador terá remate quando a liberdade for conquistada.

Não vale a pena dizer que por um esforço comum terá de chegar-se, eliminando o individual, a um estilo colectivo que ultrapasse os limites da nação, pois as auroras da renovação artística não podem resolver-se com unissonâncias mas sim com acordes magestosos e complicados. Por outro lado, o cunho de origem, a originalidade, não retirará à arte a sua universalidade nem, tão pouco, a sua função social.

- 1915

- Inicia-se em Zurique e Nova Iorque o movimento dadaísta.

- Criação da revista "Orpheu"

- Almada-Negreiros publica o "Manifesto anti-Dantas"

- O futurismo em Portugal

110

111

NARRADOR --- A anunciada conferência de Sr. José de Almada-Negreiros, e meço futurista, que por singular anacronismo vive no mesmo tempo, é, se nos não enganamos, a primeira que no género se realiza entre nós.

O conferente, no momento em que entrámos na sala, procedia já com voz de estentor à leitura de um sem número de frases, mais ou menos desconexas, sobre a guerra, a política, sobre a decadência da raça, enquanto que, numa frisa próxima do palco, uma conhecida dama, que já uma vez toureou em "travesti" na praça de Algés, (por sinal que um irreverente garralo ~~me~~ lhe despedaçou os calções em plena praça), seguia com infinita atenção o exórdio do sr. Almada-Negreiros, notando-se-lhe no rosto uma visível satisfação sempre que o conferente fazia a apologia das suas ideias.

ALMADA --- Eu não pertenco a nenhuma das gerações revolucionárias. Eu pertenco a uma geração construtiva. Eu sou um poeta português que ama a sua Pátria. Eu tenho 22 anos fortes de saúde e inteligência. Eu sou o resultado consciente da minha própria experiência e não tenho culpa nenhuma. Vós, ó portugueses da minha geração, resolvi em Pátria portuguesa o genial optimismo das vossas juventudes. Ide buscar na guerra da Europa toda a força da vossa nova Pátria. No "front" está concentrada toda a Europa, portanto a civilização actual. Sejam os europeus.

DAMA --- Espantoso! Que génio! Que ideia!

OUTRA DAMA -- Mas, afinal, porquê? Nem entendo sequer o que faço aqui!

DAMA --- Não interessa! Sejam os europeus! Sejam as europeias!

OUTRA DAMA - Mas até montaram a cena às avessas...

DAMA --- Mas você não vê que é futurismo!

112
INTERRUPÇÃO BRUSCA, DUMA FRIZA

SANTA RITA PINTOR - (voltando-se para a plateia, com os olhos fixos num ponto vago)
Vejo, além, o poeta Corrêa Antônio de Oliveira, como que dese-
jando contrapor qualquer argumento ao futurismo. Se é uma mani-
festação de saudosismo, que pretende exprimir, que fale.

(GARGALHADAS FORTES)

(PROCURAM PELA PLATEIA O POETA CORREA)

ALGUMAS VOZES ---- Fale!... Mostre-se!... Fale!...

NARRADOR ----- O poeta não está, nem decerto lhe passou pela cabeça assistir
à conferência.

OUTRAS VOZES ---- É uma alucinação!... É uma mistificação!...

UM GRITO IMPERIOSO- É futurismo!!!

SANTA R. P. ---- (gesto imperioso, voltando-se para o palco) Continue.

NARRADOR ----- Mais guerra, mais futurismo.

ALMADA ----- A guerra serve para mostrar os fortes e salvar os fracos. A
guerra resolve plenamente toda a expressão da vida. A guerra
é a grande experiência. A guerra é o ultra-realismo positivo.
É a guerra que desclassifica os direitos e os códigos ensinan-
do que a única justiça é a Força, a Inteligência e a Sorte dos
Arrojados. É a guerra que restitui às raças toda a virilidade
apagada pelas masturbações "raffinées" das velhas civilizações.
ENFIM A GUERRA É A GRANDE EXPERIÊNCIA.

(NOVA INTERRUPÇÃO)

SANTA R. P. ---- Se não me engano, este sujeito é o crítico monárquico Alfredo
Pimenta... Fale.

O INTERPELADO --- (protestando, mas com timidez) Não, não. Eu sou apenas Astra-
gildo Chaves, oficial de finanças, ao vosso dispor... não, des-
fazendo, é claro!

(RISOS NA SALA)

Santa R.F. --- O argumento é de peso. Tentado o peso do integralismo lusitano. Continue.

Oh Negreiros!...

Almada --- Portugal é um país de fracos:

1º - porque a indiferença absorveu o patriotismo.

2º porque Portugal não tem ódios. ~~Uma~~ uma raça sem ódios é uma raça desvirilizada. O ódio sendo uma virtude consciente é um resultado da fé, e sem fé não há força.

3º - porque a constituição da família portuguesa, não obedecendo a nenhum princípio de fé, é o nosso descredito de nação da Europa. Em Portugal toda a gente é pai pela mesma razão porque falta a repartição. Em Portugal educar tem um sentido próprio e especificamente concreto: educar significa burocratizar. Por exemplo: Coimbra.

Mas no visor a português é analfabeto e em geral ignorante. Na unanimidade inoportuna - prova evidente de deficientíssimo. Estabeleceu-se até, elegantemente, como prova de inteligência ou de se ter viajado, dizer mal da pátria. Isto deixa de ser decadência para ser a própria impotência física e sexual.

(Interrupção)

Jovem espectador --- (Avançando até ao palco) Peço perdão.

Santa-R.F. --- Tem algum argumento a contrapor ao futurismo?

Jovem espectador --- Nada tenho contra o futurismo. Mas preciso muito de duas coroas. Alguém ao meu lado oferece-me essa quantia com a única condição de eu interromper a conferência.

(Risos)

A CENA DO ÓDIO

MM

Ergo-Me Pederasta apupado de imbecis,
divinizo-Me Meretrip, ex-libris do Pecado,
e odeio tudo o que não Me é por Me rirem o Eu!
Satanizo-Me Tara na Vara de Moisés!
O castigo das serpentes é-Me riso nos dentes,
Inferno a arder o Meu cantar!
Sou Vermelho-Niagara dos sexos escancarados nos chicotes dos cossacos!

.....

Tu, que te dizes Homem!
Tu, que te alfaias em moças
e fazes cartazes dos fatos que vestes
p'ra que se não vejam as nódoas de baixo!
Tu, qu'inventaste as Ciências e as Filosofias,
as Políticas, as Artes e as Leis,
e outros quebra-cabeças de sala
e outros dramas de grande espectáculo...
Tu, que aperfeiçoas a arte de matar...
Tu, que descobriste o cabo da Boa-Esperança
e o Caminho Marítimo da India
e as duas Grandes Américas,
e que levaste a chatice a estas terras,
e que trouxeste de lá mais chatos p'râqui
e qu'inda por cima cantaste estes Feitos...
Tu, qu'inventaste a chatice e o balão,
e que farto de te chateares no chão
te foste chatear no ar,
e qu'inda foste inventar submarinos
p'ra te chateares também por debaixo d'água...
Tu, que tens a mania das Invenções e das Descobertas
e que nunca inventaste a maneira de o não seres...
Tu consegues ser cada vez mais besta
e a este progresso chamas Civilização!

.....

.....
Olha Hugo! Olha Zola, Cervantes e Camões,
E outros que não são nada por te cantarem a ti!
Olha Nietzsche! Wilde! Olha Rimbaud e Dowson!
Cesário, Antero e outros tantos mundos!
Beethoven, Wagner e outros tantos génios
que não fizeram nada,
que deixaram esta mundo tal qual!
Olha os grandes o que são estragados porquê ti!
O teu máximo é ser besta e ter bigodes.
Assão é estar instalado.
Se te livras de burguês e sobes a talento, a génio,
a seres alguém
o Bem que tu fizeres é um décimo de seres fera
E de que serve o livro e a ciência
se a experiência da vida
é que faz compreender a ciência e o livro?
Antes não ter ciências!
Antes não ter livros!
Antes não ter vida!

116

- 1916
- Suicida-se em Paris Mário de Sá-Carneiro
- A Alemanha declara guerra a Portugal.
- 1917
- Entrada do Estados Unidos na guerra
- Os primeiros contingentes portugueses partem para França.
- 13 de Maio
- Aparições na Cova da Iria
- 7
- ~~21~~ de Novembro
- Triunfo da Revolução Socialista na Rússia
- Vianna da Motta fixa-se definitivamente em Portugal, depois de ter obtido os maiores êxitos no estrangeiro, colaborando com as mais famosas orquestras da época.
- 1918
- Armistício
- Morrem:
 - Guillaume Apollinaire
 - e
 - Amadeu de Souza Cardoso

Nestes dias tem havido muitos enterros. Não sei se será uma epidemia, pois revolução não deve ser, com a cobardia que têm os vivos. Talvez os médicos estejam de folga, embora não acredite que os médicos possam evitar a mortandade.

A meu lado enterraram um e para me tirar de dúvidas entrei no seu caixão.

- Há epidemia na cidade?

- Sei lá! - respondeu-me uma voz que parecia sair de uma boca cheia de papas. (Deve ter já podre a língua).

- Então você não sabe de que morreu?

- Eu? Eu espetei-me um tiro!

Tive imensa vontade de rir, mas não pude. Os esqueletos não riem. O bandulho é a fonte da gargalhada, e sem bandulho não pode haver gargalhada.

- Mas então os médicos estão de folga?

Não estão de folga, não; pois antes de me enterrarem, dois médicos de mangas arregaçadas, tais dois cortadores, abriram-me a cachola com um serrote.

Para acalmar a consciência atirei com o meu diploma de médico para o fundo de uma gaveta e procurei outra maneira de me valer. As gentes já não sabiam que eu era dono de tão tremenda licença oficial; mas, uma noite, os meus serviços foram necessários.

Era domingo. Melchor, o taberneiro, esperava por mim ao pé da porta. Deu-me as boas noites e desatou a chorar e, por entre os soluços, saíam-lhe as palavras tão a custo que apenas conseguiu dizer-me que tinha um filho a morrer.

O pobre pai puxava por mim, e eu deixava-me levar, enfeitado pela sua dor. Além do mais, eu era médico diplomado e não podia negar-me! E tive tão forte desejo de lhe fazer a vontade de que senti surgir, no meu íntimo, uma grande ciência...

Quando chegamos à casa de Melchor, pude apoiar-me nas suas mãos e com pesar confessei-lhe que sabia pouco da carreira...

-Repara que há muitos anos que não visito doentes.

E então Melchor, fazendo um esforço, disse-me, lentamente:

-O meu filho já não precisa de médicos. Eu já sei que o infeliz não passa desta noite. E ele vai-se-me, senhor, vai-se-me e não tenho nenhum retrato seu!

Ai..., eu não fora chamado como médico; fora chamado como retratista, e, naquele momento, não tive qualquer vontade de rir. E, para me ver livre de tarefa tão macabra, dizendo-lhe que uma fotografia era melhor do que um desenho, garanti-lhe que, de noite, podem fazer-se fotografias, e, deitando mão de muitas razões, consegui que o Melchor me deixasse ir à procura de um fotógrafo. A coisa ficou arrumada e fui dormir.

Quando estava quase a adormecer, bateram à porta. Era Melchor.

-Os fotógrafos não têm magnésio!

E disse-me isto, tremendo de aflição, pálido, os olhos vermelhos de tanto chorar. Nunca mais vi um homem assim tão desfeito pela dor. Pedia, implorava, pegava-me na mão, puxava-me ao mesmo tempo que me dizia coisas que me despedaçavam o coração.

-Imagine, senhor! São só dois riscos feitos por si no papel e já terei maneira de ver sempre a carinha do menino. Não me deixe nesta escuridão, senhor!

Quem poderia negar-se? Peguei em papel e lápis, e lá me fui com Melchor, fazer um retrato do rapaz moribundo.

Tudo estava calmo, tudo era silêncio. Uma luz amarelada, ténue, duas faces arrepiantes que anunciavam a morte. No centro daquela pobreza um menino.

Sem dizer nada, sentei-me a olhá-lo, comecei a desenhá-lo a ele, que olhava os meus olhos de terra. Sómente ao fim de algum tempo é que consegui afazer-me ao drama de que era testemunha, esquecê-lo um pouco, para poder começar a trabalhar como um artista. E, quando o desenho estava quase acabado, a voz de Melchor, aumentada pelo silêncio, fere-me com estas palavras:

-Pela alma dos seus defuntos, não me retrate assim. Não lhe põha essa cara tão encovada e tão triste.

Confesso que, ao regressar à realidade, não sabia o que fazer. Entretive-me a copiar os traços já feitos do desenho. O silêncio foi quebrado, de novo, por Melchor:

-O senhor sabia como era o meu menino. Lembre-se dele, senhor, lembre-se dele e desenhemo a rir-se.

De súbito nasceu-me uma grande ideia. Rasguei o trabalho e concentrando-me, novamente, no papel, desenei um menino imaginário. Um rapazinho bonito, muito bonito: um anjo de feições barrocas, a sorrir.

Entreguei o desenho e fugi; ao chegar à porta da rua, ouvi choros dentro de casa. A morte tinha chegado.

Agora, Melchor consola-se, vendo a minha obra, pendurada em cima da cómoda e afirma com a maior das boas fés:

-Tive muitos filhos, mas o mais bonito de todos foi o que morreu. Vejam, está ali o retrato que me não deixa mentir.

120

- 1921

- É publicado o primeiro número da revista "Sera Nova"

- Realizo uma viagem de estudo por França, Países Baixos e Alemanha.

- 1924

- Morte de Lenin

- Primeiro manifesto surrealista de André Breton

Surrealismo. Substantivo masculino. Automatismo físico puro pelo qual nos propomos exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja por qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado pelo pensamento, com ausência de todo o controle exercido pela razão, fora de toda a preocupação estética ou moral.

O surrealismo baseia-se na crença da realidade superior de certas formas de associações desprezadas até então na suprema força do sonho, no jogo desinteressado do pensamento.


Pretende acabar definitivamente com todos os outros mecanismos psíquicos e substituir-se-lhes na resolução dos principais problemas da vida.

Aliás, os processos surrealistas precisavam de ser ampliados. Tudo é permitido para se obter de certas associações a espontaneidade desejável.

É mesmo legítimo chamar-se poema ao que resulta da colagem tão gratuita quanto possível de títulos e fragmentos de frases recortadas nos jornais.

Poema

Numa quinta isolada
Dia a dia
Agrava-se
O Agradável.



Al. B. B.
M. J. J.

A desumanização da arte que é assinalada com profunda sabedoria por Ortega Y Gasset, hoje um feito consumado ainda que, ao meu juízo, não possamos tirar dels uma norma estética.

"Poesia despida e francamente humana pretendi fazer" diz Morone Villa. E eu penso que ainda é este o caminho.

124

- 1926
- "Couraçado Potenkin" de Eisenstein
- Golpe de estado do 28 de Maio, em Braga
- Publico "Cousas".

Chamam-lhe a Marquezinha e os seus pés jamais se calçaram.
Vai à fonte, descasca batatas e chamam-le a Marquezinha.
Não foi à escola por não ter ~~skaiik~~ xaille/que pôr, e chamam-lhe a Marquezinha.
Não provou mais lambrices que uma pedra de açúcar, e chamam-lhe a Marquezinha.
A sua mãe é tão pobre que qrabalha de jornaleira na casa do Marquês.
E ainda lhe chamam a Marquezinha.

-- 1927

-- É criada em Coimbra a revista "Presença" órgão de consagração do Modernismo em Portugal.

Se eu fosse autor de teatro escreveria uma peça em dois actos. A pecinha duraria dez minutos, nada mais.

I ACTO

Ergue-se o pano e aparece uma corte de aldeia. Em cima do estrume há uma vaca morta. À volta da vaca ~~estáxxxxxxxx~~ estão uma velha muito velhinha, uma mulher envelhecida, uma moça garrida, duas raparigas bonitas, um velho e três garotos loiros. Todos choram e enchugam os olhos com as mãos. Todos fazem pranto, e dizem coisas tristes que fazem rir, ditos simplórios de gentes lá bregas, agueireitas e cobiçosas, que pensam que a morte de uma vaca é uma grande desgraça. O choro deve ter uma graça choqueira para que se fartem de rir os da plateia.

E quando se fartarem de rir, os senhores, baixará o pano.

II ACTO

Ergue-se o pano e aparece um estrado elegante adornado com muito requinte. Em cima duma mesa de pés forrados de bronze está uma bandeja de prata, em cima da bandeja está uma almofada de damasco, em cima da almofada ~~está~~ está a cadela morta. A cadela morta parecerá um floco de neve. À sua volta choram uma fidalga e duas fidalguinhas novas. Todos fazem o pranto e enchugam as lágrimas com lençinhos de cambraia. Todas dizem, uma a uma, as mesmas lamechices que disseram os camponeses diante da vaca morta, ditos tristes que fazem rir, porque a morte de uma cadela não é para tanto.

E quando as gentes do galinheiro se fartarem de rir à gargalhada, baixará o pano muito lentamente.

- 1928
- Segundo golpe de estado
- Presidência do General Carmona
- Salazar assume a gerência da pasta das Finanças
- ~~Dos jornais: X~~
- ~~Manejos revolucionários: foi há dias descoberta no Algarve, devido ao aparecimento de dois cadáveres horrivelmente mutilados por uma explosão de bombas, uma vasta conspiração ao que parece de carácter democrático X~~
- A morte de meu único filho afasta-me por algum tempo da actividade artística.

(Handwritten scribbles)

- 1929
- O após-guerra passa. A década das ilusões fecha-se com o gigantesco crack da Wall Street, no fim do mês de Outubro.
- Maurice Dobbiz: Antes do decénio chegar ao fim, a América lançava-se numa fase de prosperidade que iria gerar um sentimento de optimismo quase intoxicante.
- O continente norte-americano viu-se varrido pela fé de que a sua terra, aquela terra de capitalismo em expansão e livre em presa por excelência tinha um destino inspirado: banir o problema da escassez e enriquecer os seus cidadãos e mesmo o resto do mundo.
- No ano pressago de 1929, um relatório da Comissão sobre as recentes alterações económicas sob a presidência de Hoover, pronunciou-se confiante, dizendo: Económicamente, temos um terreno sem limites à nossa frente.
- Há necessidades novas que abrirão ~~ex~~ incessantemente caminho a outras ainda mais novas, à medida que sejam satisfeitas...
- Parece-nos termos apenas tocado a orla das nossas potencialidades.
- Quando examinamos essas coisas, o temperamento de tal período vem a enumerar-se entre as maravilhas dos Tempos Modernos.
- Tal optimismo não estava destinado a perdurar muito, e, os sonhos ^{de um} milénio económico iriam ser rudemente desfeitos pelos acontecimentos de 1929 a 1931, com o início de uma crise económica sem paralelo, ~~mas~~ nos Estados Unidos, e além disso mundial.
- Os factos crus destes anos sombrios, com suas falências repentinas, ~~e~~ fábricas abandonadas e filas de gente a pedir pão, forçaramos espíritos já refeitos, a conclusão de que algo de muito mais fundamental do que ~~na~~ uma adaptabilidade lenta a proporções desordenadas de preços estaria errado no sistema económico, e que a sociedade capitalista fora tomada por algo com todos os sinais de ser uma doença crónica e ameaçando tornar-se fatal.
- A crise dos Estados Unidos estende-se ao mundo inteiro.
- Também a França vê acabar-se uma época, com a retirada de Poincaré, gravemente doente e com a morte de Foch e ~~de~~ Clemenceau.
- Na Alemanha, Stresemann morre, neste mesmo ano, depois de obter a evacuação da Renânia pelas tropas aliadas e a redução - graças ao plano Young - da dívida alemã a 38 000 000 de marcos-ouro.
- Na Inglaterra, os eleitores dão a maioria aos trabalhistas de Mac Donald esperando que conseguirão acabar com uma crise em que o país está afundado há três anos.
- Os Reinos dos Servos, Croatas e Eslovenos, convertem-se na Jugoslávia.
- Na URSS, Stalin ordena a liquidação da classe dos camponeses ricos, os kulaks.

- Em Zurique, o dr. Weizmann funda a Agência Judaica, que contribuiria eficazmente no desenvolvimento do lar judaico da Palestina.
- O conflito entre a Itália e o Papado acaba com a Concordata de Latrão.
- Criação da Cidade do Vaticano.
- Pela primeira vez, o Papa, depois de 1870, sai do seu palácio para ir benzer a multidão.
- Trotski, expulso da URSS, inicia a sua peregrinação pelo mundo.
- Rómulo Gallegos publica "Dona Bárbara"
- Borges - "Cadernos de S. Martinho"
- "Adeus às armas" de Hemingway
- Anna Seghers: "A rebelião dos pescadores de Santa Bárbara"
- Fernando Pessoa começa a publicar uma antologia de poetas portugueses e modernos.
- "O som e a fúria" de Faulkner
- Éluard: "L'amour à la poésie"
- "Os indiferentes" de Moravia
- "Don tranquilo" de Chelokev
- Michaux: "Equador"
- Cocteau: "Os meninês diabólicos"
- Belas Artes:
- Exposição Internacional de Arte Abstracta em Zurique
- Filmes:
- Eisenstein: "Linha geral"
- Luis Buñuel: "Um cão andaluz"
- Teatro:
- Meyerhold encena "O percevejo" de Maiakovski
- Piscator publica "Teatro político"
- John Gildud interpreta o "Hamlet"
- O'Casey: "A taça de prata"
- Ghelderode: "O Escurial"
- Heidegger: "O que é a metafísica?"

- Ortega y Gasset publica "A rebelião das massas"
- Publico o segundo livro de "Cousas"

----1930

---- Morrem

---- Raul Brandão

---- Florbela Espanca

Estes são os que dizem:

--Porque te metes/ em política? A política é um chiqueiro, e estarias melhor em tua casa fazendo arte

.....

Estes são os que me dizem:

-- Eu não sinto necessidade de falar galego - porque essa necessidade não se sente no bandulho.

- Eu sinto-me bem onde possa viver desafogadamente - porque levam a nátria na sola dos sapatos.

- Eu não creio em ninguém - porque tão pouco crêem em si próprios.

- eu renego a política - porque sabem que a política traz desgostos.

--Eu rio -me dos políticos - talvez porque nunca tiveram a oportunidade de lhes lamber as botas.

- Eu não pertenco a nenhum partido - porque não querem comprometer a sua tranquilidade.

-São assim muitos galegos, sérios e sisudos, em aparência, que vestem bem e sabem imor respeito aos seus consócios de casino.

Qualquer dia um destes galegos que não quer meter-se em política, torna-se de repente dirigente de uma entidade que defende interesses e vê-los num banquete, sentado ao lado de qualquer imundo político.

---- 1931

---- Publico o album "Nós" e "Cinquenta homens por dez reis". Cria-se o partido galeguista do qual sou eleito conselheiro. Em Junho, como candidato do Partido Galeguista sou eleito deputado às Cortes Constituintes por Ponte_vedra.

---- Abdicação de Afonso XIII.

---- Charles Chaplin; "Luzes da Ribalta".

---- Buñuel: "L'Age d'or"

Sou de uma terra onde os camponeses não foram capazes de suportar o despotismo senhorial e mais de uma vez, desde há centenas de anos, fizeram revoluções sangrentas. Desses tempos extintos restam ainda alguns foros; porém esta carga vai-se aligeirando à custa de rebeliões surdas. É certo que desapareceu o "senhor das terras", porém foi substituído por muitos patrões associados que fazem chegar até à Galiza a divisão da miséria central.

Vejo a minha terra dividida em pequenos pedaços de propriedade e em cada pedaço uma casa cheia de gente. Há fome nos lares, e a miséria dos minifúndios vai invadindo as almas dos camponeses; no entanto estes seguem endurecidos no afã de trabalhar e prosseguir. Pelos cumes dos montes incultos sobem os pinheirões como se fossem dedos astutos de um ladrão.

A minha terra devia ser um paraíso nesta Espanha castrada. Ali devia criar-se uma verdadeira democracia republicana e cristã, mas a cabeça dos governantes está congestionada de tanto pensar na Andaluzia, Castela e Estremadura... e não lhes resta tempo para pensar nos trabalhadores da Galiza. Apesar de tudo, a minha terra está em condições de salvar-se porque conta com uma personalidade indiscutível e quer exteriorizá-la numa forma de cultura e de leis públicas, e um dia virá em que se governe por si mesma. Então as realidades do nosso tempo serão recordações acalentadoras.

- 1932
- Criação do teatro universitário da Federação Universitária Espanhola "A Barraca" sob a direcção de Lorca.
- 20 de Agosto:organiza-se a União Nacional.
- Associação sem carácter de partido,independente do Estado,destinada a assegurar na ordem cívica,pela colaboração dos seus filiados,sem distinção de escola política ou de confissão religiosa,a realização e a defesa dos principios consignados nestes estatutos.

137

---- 1934

---- O governo Lerroux, no chamado Biénio Negro, desterra-me para Badajoz.

←

Os senhores reaccionários pretendem renovar os sonhos imperialistas da monarquia absoluta com o pretexto de restabelecer tempos extintos sem se darem conta do bárbaro sacrilégio que cometem, porque em nome de Deus não se pode matar a livre respiração do espírito dos homens, nem se pode sujeitar o desejo dos povos que lutam pelo seu próprio ser. Esses senhores comungam a "Sagrada Unidade da Pátria" que é uma roda de moinho para nós e um amparo para os seus privilégios anti-cristãos; contudo é bom declarar que nem têm consciência de uma possível unidade, nem sentimentos verdadeiramente patrióticos. E por muito que digam, são os únicos separatistas que conhecemos. Foram-no de Portugal, são-no da Catalunha e são-no de Euzkadi e de Galiza.

----1935

---- Invenção do Radar por Watson-Watt

---- Morre Fernando Pessoa

---- O governo de Portela Valladares anula o desterro que me tinha sido imposto e regresso a Pontevedra. Em Abril faço no Porto uma conferência sobre "Os cruzeiros na Galiza".

Diálogo entre Vitória e Benito

Benito- Pst!

Vitória-.....

Ben. - Pst!Pst!Pst!

Vit. - (volta-se e olha-o de alto a baixo) É para mim?

Ben. - Já não te lembras de mim?

Vit. - Talvez...talvez te tenha visto no casino...

Ben. - Pois eu tenho a certeza que te vi.Mais ainda:imagino-te de todas as maneiras possíveis:nadando,fazendo equitação a meu lado,dançando nos meus braços...

Vit. - E depois?(Pausa) Que fazes na vida?

Ben. - Escrevo versos e pratico desporto.

Vit. - Mas isso só nas horas vagas...

Ben. - A minha vida é feita de horas vagas...Pratico todos os desportos e gosto de não ocupar nenhuma das minhas horas.Questão de princípio.De rigoroso princípio.

Vit. - Já estou a ver.Não serves para nada.

Ben. - Pelo contrário:sei servir-me de tudo e tirar proveito de todas as coisas.Por exemplo:o meu pai trabalha todo o dia para me deixar uma grande fortuna,quando morrer,e arranjar-me um dos melhores lugares no "conselho de administração".

Vit. - Oh!...

Ben. - A minha mãe ocupa-se da minha alma e,com as suas rezas,chôro e sorrismentos,vai assegurando o meu bocadinho de céu.

Vit. - Então és um cínico.

Ben. - Pois sou.Mas lembra-te que o mundo é dos cínicos.Há que acabar com os últimos românticos.

Vit. - Mas eu sou romântica...

Ben. - A verdade está nas metralhadoras.Fracos,doentes e inválidos ,todos para o matadouro.

Vit. - Mas tens tanta pressa?...

Ben. - A velocidade é o meu lema.A vida é curta mas plena,já diz Ortega y Gasset.Temos de preenche-la ao máximo,vivê-la intensamente.Lembra-te disto:o que bate primeiro,bate duas vezes.Estás a perceber?

Vit. - Pois claro.Ortega é um grande poeta...

Ben. - Que insensata!Que blasfémia!Não posso ouvir uma coisa destas!...

Vit. - Gosto de fazer-te sofrer...Até gostava de te dominar...

Diálogo entre José António e a Estrangeira

Imaculada Sá- Mas você será capaz de me dizer donde saiu esta...

Piedade Mascarenhas- Não me fio nada nela...Você já conhece os costumes das estrangeiras.

Imaculada Sá- Além do mais,usa calças,cpmo um homem.Já sabe que eu,por nada deste mundo,vestiria calças.Acabam com toda a feminilidade da mulher.

Piedade Mas.- Tem toda a razão...

(José António,sentado com elas,vê passar uma estrangeira "tipo" Greta Garbo, levanta-se e segue-a)

J.António - (à estrangeira) Gosta mais da Corunha ou de Brigton?

Estrangeira - Oh,yes!

J.António - Você,que é uma mulher estrangeira...bom...moderna,inteligente... e...sensível não acha os espanhóis selvagens demais?

Estrangeira - Oh,yes!

J.António - A paixão,percebe?p-a-i-x-ã-o?Nós somos muito apaixonados.

Estrangeira - Oh,yes!

J.António - Você, que decerto tem viajado muito,com certeza não encontrou ainda um país com uma paixão tão legítima e tão autêntica.

Estrangeira - Oh!.....Yes!...

J.António - Somos todos um pouco Don Juan mas também muito místicos.Você,compreende-me,não?

Estrangeira - Yes!

J.António - Nós queremos tudo ou nada,percebe?Para nós,o "flirt" não chega. Questão de temperamento...

Estrangeira - Oh,Yes!

(Ele agarra-a e ela deixa-se beijar)

Diálogo entre Benito e José António

J. António - Eh!...

Benito - Está no papo! Até diz que já me tinha visto! E tu?

J. António - Eh! Também já está, claro. Esta noite... só pediu para tirar os sapatos, quando eu entrar.

Benito - Porque não te aproveitaste logo?

J. António - É chato. Só diz "Yes" e eu não falo inglês...

Benito - Que fazemos? a tarde está quente.

J. António - Vamos jogar ténis.

Benito--- - A tarde está quente demais.

J: António - Enquanto esperamos pela noite podemos ir dar uma volta pelo parque.

Benito - Aos domingos está cheio de gente estranha, esses pobres empregados que só podem vir à praia aos domingos e é tão chato!

(No rádio ouve-se a notícia do "Alzamiento": Esta mañana, el Ejército Nacional se rebeló en Marruecos contra el Gobierno de la Republica.

Os dois ficam suspensos.)

Benito - Isto é grave. Pode ser até muito grave.

J. António - Deixa lá. "Alzamientos" temos um de seis em seis meses. Há um bocado de barulho e mais nada. Como das outras vezes, quatro tiros e... mais nada.

Benito - Mas olha que estou a ficar francamente preocupado.

J. António - Não, não ligués importância. Sucederá o que aconteceu da outra vez. Vamos mas é jogar ténis. O sol já está a desaparecer, portanto o melhor é jogar ténis.

Benito----- Então vamos jogar ténis.

(Ouve-se o ritmo do "Continental" no rádio).

- 1936
- Vitória da Frente Popular nas eleições em Espanha.
- Em Fevereiro, como candidato do Partido Galeguista sou eleito deputado às Cortes Republicanas, por Pontevedra, na lista da Frente Popular.
- Forma-se um governo republicano com o apoio dos partidos operários.
- A 18 de Julho rebenta o levantamento contra a República.
- Guerra Civil.
- Morte de Valle-Inclán, Miguel de Unamuno e Máximo Gorki
- Lorca é assassinado em Granada
- Portugal corta relações diplomáticas com a República Espanhola

(Fuzilaram um homem num país distante).

Hoje proíbo as rosas de nascerem diante de mim !
Proíbo as deusas de dançarem nos olhos das crianças!
Proíbo os corpos das mulheres de terem outro destino que a morte!

Sim, proíbo!

E (baixinho, em sonho) aos gritos no mundo
ordeno aos homens
que venham para a rua descalços
para sentirem nos pés nus
o silêncio da terra
- e o terror de viverem num planeta
onde os fuzilados não ressuscitam,
nem os malmequeres protestam com flores de luto
contra este sol que continua a fabricar primaveras mecânicas
e este cheiro tão bom a mulheres novas nas árvores com cio.

(José Gomes Ferreira)

Terra:
endurece mais!

Recusa a abrir-te em cova
para esconder o Poeta
no silêncio das raízes.

Deixa-o apodrecer no chão
como uma bandeira de carne de remorsos.

José Carlos Ferreira.

----1937

---- Morte de Antonio Gramsci

---- Sartre escreve "A Náusea"

(Os combatentes arrancaram os olhos e fizeram com eles barricadas de chamas)

Acabaram-se os pequenos rumos
no desespero do mar vil.
Acabaram-se os voos exíguos
nos horizontes das águias cegas.

Agora só há no mundo o Grande Destino
qua iguala todas as pedras e todos os olhos
na mesma grandeza
da Cidade a arder
na noite sem limites.

----1938

---- Fundação do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra

O Cedro de Guernica

No fragor da batalha

- que era como um troar de tempestade

a árvore tombou
ceifada da metralha

Todo o Euzcádi chorou
no cedro assassinado, a morta liberdade

Mas que importa perder o cedro de Guernica,
por momentos não ter ao sol o seu lugar,
se a luta que travais, gentes de Euzcádi, implica
que cada "pueblo" tenha um cedro de Guernica
para não mais tombar?!

A que morreu às portas de Madrid,
 Com uma praga na boca
 E a espingarda na mão,
 Teve a sorte que quiz,
 Teve o fim que escolheu,
 Nunca, passiva e aterrada, ela rezeu.
 E, antes de flôr, fei, come tantas, peme.
 Ninguém a originalidade lhe roubou
 Depois dum saque — antes a deu
 a quem lha desejou,
 Na lama dum redute,
 Sem náusea mas sem cio,
 Sob a manta comum,
 A pretexto de frio.
 Não quiz na rectaguarda aligeirar,
 Entre "champagne", aos generais senis,
 As heras de lazer,
 Não quiz, activa e bea, tricetar
 Agasalhos pueris,
 No sossogo de lar.
 Não senhou minerar,
 Num heráisme Branco,
 DeX biche de hospital,
 A aflição dos aflites.

Uma noite às portas de Madrid,
 Com uma praga na boca
 E a espingarda na mão,
 À hera tal atacou e morreu.

Teve a sorte que quiz
 Teve o fim que escolheu

Depois de um êxodo lamentável, passei a fronteira com minha mãe, meu irmão José, mais a sua mulher, em condições deploráveis (nem um só cêntimo francês) Hoje encontro-me em Colline, Hotel Bougnol Quintana, graças a um pequeno auxílio oficial, com recursos para aguentar este mês. O meu problema mais premente é o de poder resistir em França até encontrar recursos para viver nela do meu trabalho literário ou ir para a URSS onde encontraria amplo e favorável acolhimento.

- 1939
- 28 de Março
- Queda de Madrid
- Fim da Guerra Civil Espanhola
- Um milhão de mortos
- António Machado morre no exílio
- Fernando Lopes Graça; 24 canções populares portuguesas
- Outubro de 1939
- Hitler invade a Polónia
- 1939-45: Segunda Guerra Mundial

"Faz quarenta e cinco anos, era eu um emigrante sem mais desejos que o de seguir as pisadas de meu pai. Agora, sou um refugiado político a quem negaram toda a carta de cidadania. Em qualquer dos casos a minha vontade não interveio; mas, agora, traz-me às Américas uma fada desconhecida. Creio que venho envelhecer onde me criei. E, oxalá volte de novo, um dia, por estas mesmas águas, para morrer onde nasci".

- 1940
- Neo-realismo português
- Esteiros de Soeiro Pereira Gomes

A revalorização do realismo processou-se ao longo da década de 30. Para isso contribuiu a crise mundial do sub-consumo, desencadeada em 1929, e a literatura de crítica social a que deu azo, salientando-se pela sua influência no nosso neo-realismo inicial "A crise do progresso" de G. Friedmann, "A consciência mistificadora" de H. Lefebvre e Guterman, "A condição humana" de Malraux, autores americanos progressistas sob o ambiente do New Deal rooseveltiano (Steinbeck, Hemingway, John Dos Passos, Caldwell, etc.), as obras de Gorki e Ehrenburg e dos brasileiros Jorge Amado, Lins do Rego, Graciliano Ramos, Erico Veríssimo. Outro conjunto importante de influências relaciona-se com as vicissitudes de Espanha (queda da ditadura de Rivera em 1930, República em 33, Guerra Civil em 36/39) e a tensão interna da França, pressionada por uma Europa Central e Meridional quase toda sob regimes fascistas e cuja capital (Paris) continuava a ver o quase exclusivo foco dos interesses literários portugueses) concentrava e traduzia um notabilíssimo conjunto de escritores europeus refugiados (Silone, Moravia, Anna Seghers, Brecht, etc.).

As próprias condições portuguesas, sujeitas aliás a repercussões da conjuntura mundial e sobretudo, por então, mais imediatamente europeia, se alteravam, salientando-se, como factor mais permanente, um declínio constante no dinamismo directo ou ideológico das camadas populacionais médias e uma polarização social, resultantes do lento mas irreversível processo de industrialização e sobretudo de centralização e concentração económica.

O neo-realismo corresponde a essa evolução cujo sentido principia a definir-se na vida nacional, e por isso apresenta como característica básica (e transparente do seu próprio nome) uma nova tomada de consciência da realidade portuguesa, de de certo modo análoga à da geração de 70, mas que já conta com o interesse de estratos sociais progressivamente mais amplos. A designação de neo-realismo denota ainda outro contraste quanto à tradição realista: o de um sentimento de confiança no processo histórico-social, confiança depositada sobre a própria antítese progressista que surge das condições inumanas actuais.

- 1934-40 - Teorização do neo-realismo nas revistas "O Diabo", que se começa a publicar em 1934 e "Sol Nascente", iniciada em 1937, entre outras publicações.
- 1939 - Alves Redol publica "Gaibéus", primeiro romance neo-realista, onde inicia a denúncia do drama social ribatejano, escrevendo na portada: "Este romance não pretende ficar na literatura como obra de arte. Quer ser, antes de tudo, um documentário humano fixado no Ribatejo. Depois disso, será ~~ex~~ o que os outros entenderem".
- 1941 - O "Novo Cancioneiro", que então começa a publicar-se em Coimbra, será o veículo de consagração da poesia neo-realista. Nele se publicam obras de Álvaro Feijó, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Joaquim Namorado, Mário Dionísio/...
- "Esteiros" de Soeiro Pereira Gomes, onde narra os sofrimentos dos adolescentes empregados nos telhais ribatejanos.
- 1942 - "Aldeia Nova" de Manuel da Fonseca.
- 1943 - "Fanga" de Alves Redol ~~xxx~~ - processo de consciencialização de um camponês do Ribatejo.
- Carlos de Oliveira publica "Casa na Duna", primeiro romance neo-realista que foca a burguesia; assim como "Fogo na noite escura" de Fernando Namora, este sobre a pequena-burguesia urbana.
- 1944 - Soeiro Pereira Gomes escreve "Engrenagem", primeiro romance português sobre o ambiente industrial, que ele dedica "para os trabalhadores sem trabalho - rodas paradas de uma engrenagem caduca".
- 1945 - Inicia-se a colecção Novos Prosadores, onde se destacam nomes como Carlos de Oliveira, Fernando Namora e Vergílio Ferreira.
- "Incomodidade" de Joaquim Namorado. Adota um anti-lirismo agreste e escarninho como atitude intervencionista na realidade social.

Como podem ver, os "ismos" foram-se sucedendo na Península. Normalmente só se conseguia adaptar os seus aspectos mais formais. Os "ismos" foram-se impondo através de um critério informativo e nunca formativo. Nunca se procurou adaptar à nossa situação cultural o possível impacto renovador que tais "ismos" poderiam ter, e pelo contrário, só se procurou jogar com os seus aspectos de carácter escandaloso. Aquilo que deveria renovar tudo, acaba por cansar os próprios "renovadores" que acabavam por se aburguesar. Mal um "ismo" morria, logo um outro se sucedia.

As gerações literárias e culturais da Península, a geração de 98 e as que se seguem à geração de 27, souberam manter uma personalidade própria face a todos os "ismos" que vinham do estrangeiro. A geração de 98, que surge a seguir à perda das Filipinas, Cuba e Porto Rico, teve a coragem de pôr o problema dessa nova Espanha - uma Espanha diminuída em todos os aspectos. Unamuno, Machado, o meu querido amigo Valle-Inclán, expuseram um pensamento genuinamente ibérico, enquadrado na tradição realista da Península, mas sem esquecer, como aconteceu sobretudo com Valle-Inclán, os "ismos" que chegavam de Paris - na altura a capital dos "ismos". Valle-Inclán foi sem dúvida o que maior atenção prestou a esses ventos que sopravam de Paris, sobretudo na sua juventude, mas soube aprender todas estas novas vibrações culturais importadas, sem cair na exploração fácil dos seus aspectos mais escandalosos. A geração seguinte, a de Lorca, Alberti, Max Aub, Ramón Sender, Dalí e outros, foi muito mais sensível à preocupação de assumir todas as correntes que vinham de fora.

Eu também quis sempre estar na linha traçada pelos Mestres da geração de 98. Sempre pensei que a nossa salvação, sobretudo a salvação da cultura galega, era manter-se fiel aos elementos mais genuinamente galegos e célticos e, sobretudo, pôr-se ao serviço do nosso abandonado Povo. Por isso, sempre pensei, já na diáspora, que essas lições ~~seriam~~ seriam seguidas pelos jovens intelectuais ibéricos, que acabariam por compreender que o único caminho era porem-se ao serviço do Povo, ajudando-o a historizar-se.

Foi com grande alegria que eu recebi em Buenos Aires, quando dirigia a revista "Galeuzca", os livros dos jovens escritores portugueses, catalães, castelhanos e bascos, que os meus amigos me enviavam, e vi que todos eles começavam a encarar a atitude neo-realista como a única possível.

É verdade que a geração de 27, no início, foi uma geração muito esteticista; mas a Guerra Civil obrigá-los-ia a historizar-se e a abandonarem os esteticismos, os falsos populismos. A geração seguinte à da Guerra Civil não podia ter outra alternativa senão o neo-realismo.

Porque o neo-realismo, que tanta gente assegura ter nascido por decreto de não sei que forças tenebrosas, insensíveis aos valores estéticos e cegas para tudo o que irremediavelmente distingue o artista do homem comum de que ele emerge, foi assim que surgiu. Assim, apenas assim, espontaneamente, da inquietação, da generosidade e da ingenuidade - da fecunda, exaltante, fraternal ingenuidade - desses tantos jovens que foram ao encontro uns dos outros pelo seu pé, irresistivelmente movidos por um mesmo espírito de recusa, uma mesma esperança no homem (que eles sabiam só poder querer dizer: os homens), uma mesma necessidade interior de dizer tudo isso em versos, em romances, em contos capazes de acordarem um país inteiro para a sua própria realidade nacional. Que não era só a dos cafés das cidades, a das academias e a das revistas literárias antiacadêmicas, como em breve se começou a ver, sobretudo no romance, quando os gaibéis, as campanhas, os gandareses apareceram em livros que, embora pouco bem recebidos pela gente do ofício, depressa conquistaram um público vasto e novo, para o qual até então a literatura não existia.

(MÁRIO DIONÍSIO)

As circunstâncias históricas em que surgiu o neo-realismo português obrigaram-no a vazar na ficção literária não só os testemunhos de natureza estética, como também os depoimentos ~~ideológicos~~ ideológicos e morais e os inquéritos sociais. Mas não só as circunstâncias motivaram isso. Com o neo-realismo abria-se o aprendizado dum novo tipo de escritor e a criação dum nova consciência de homem.

O neo-realismo era a única expressão possível de ideários cuja realização pressupunha uma transformação social e política, e nela se empenhavam.

(MÁRIO SACRAMENTO)

Tudo me foi estranho desde o primeiro dia.

O chefe, rotundo e severo, indicou-me o lugar no escritório. Apresentou-me: -O novo empregado, Sr. João da Silva. Os outros tomaram ares solenes nas secretárias, como reis em trono, e miraram-me. Adivinhei-lhes o pensamento: - um concorrente. Enfático, o chefe pronunciou, um a um, seus nomes pesados de gerações ilustres. Curvaram por favor o tronco altivo, sem que os braços se afastassem dos braços das cadeiras. Seguros ao lugar, não ~~uma~~ fosse eu pretendê-lo.

Depois, fiquei só, repassado de silêncio e angústia. Os outros fecharam a sete chaves as portas brasonadas das suas vidas. Olhei furtivamente a sala bafienta, pejada de papéis e mesas alinhadas, monótonamente iguais. Do subconsciente afloraram-me impressões recalçadas.

... Era uma manhã nevoenta de Outono, e eu - mala dos livros às costas a pesar como chumbo, - arrastava na estrada os pés sonâmbulos, para não ouvir os estalidos irritantes das folhas secas dos plátanos. Meu pai deixara-me à porta da escola. - Faz-te homem - dissera. - Aprende a ser alguém na Vida.

Alguém... João da Silva, o novo empregado. Eu estava outra vez na aula, entre mesas alinhadas e caras estranhas, ignorante e tímido.

- Seu Silva, tem de melhorar essa caligrafia.

O mestre, penssi, à espera que a vara me caísse sobre os dedos. Mas as palavras doeram mais. Aos olhares trocistas dos outros juntou-se o olhar inquisitorial do chefe. - Má letra, seu Silva.

Se meu pai fosse vivo... Ele, que sonhava ver-me o doutor da família, dizia que eu tinha letra de médico. Enganou-se comigo e com várias outras letras que lhe arruinaram a loja. Más letras, certamente.

Quase à porta da Universidade, retrocedi em busca doutra estrada mais longa e, por isso, mais ruim. E fiquei na encruzilhada da Vida, receoso e pedinchão, a bater a todas as portas. Por fim, entrei para ali, de facto rufado e estômago vazio. Porta de salvação - julguei.

De manhã, o chefe aparecia no escritório, impante, pedagogo.

- Seu Silva, corrija essa conta. Afinal você não sabe nada.

Sabia. Vinham-me à ideia lições inteiras que me deram foros de bom aluno. Sempre notas altas em Ciências... Esforçava-me por gritar: - Fiz o 6º ano do liceu. - Sei mais do que o senhor. Mas calava-me e ouvia.

- "Quem recebe, deve" - seu Silva.

Aquilo era piada aos duzentos escudos que eu recebia no fim do mês. Os outros riam, à socapa. Que vergonha!

Enervado, mais errava, e confundia. E todo o dia o mesmo verrinar obcecante: - Raspe, seu Silva... Emende! O pêndulo do relógio a embalar o tempo (cada minuto - uma hora de angústia). E o meu nome a rasgar o silêncio.

- Silva... Ó Silva...

O toque das seis horas punha fim ao suplício. - Até amanhã - dizia.

- Até um dia - pensava eu. Recordava o liceu à hora buliçosa da saída - "tu cá, tu lá" com os amigos; capa e batina destacando a condição; passo firme a caminho da porta certa. E partia sozinho, alheio à liberdade retomada, fato ruço no fio e passo trôpego a caminho da porta incerta.

À noite deambulava pelas ruas. Nos cafés não entrava com vergonha dos antigos companheiros, já doutores. Decerto, fariam vista grossa. Mas o meu fato dava nas vistas...

Certa vez, entrei numa taberna. Gente maltrapilha em volta das mesas toscas, a beber e fumar. - Um copo de vinho branco - pedi a medo. Descon-

fiados, formaram grupos sussurrantes, que me olhavam de alto a baixo. Adilvilhei-lhes as palavras: - Um intruso. E retirei-me consternado. O meu fato dava nas vistas...

ooOoo

Agora, tudo me parece um sonho. O suco gástrico corroeu-me o estômago e as ideias. No entanto, a tijela de sopa que os cantoneiros repartiram comigo identificou-me com o mundo.

Recordo. Eu estava aqui estirado na berma da estrada, à hora da sesta, e o sol entrava-me pelos rasgões das calças, suspensas da gravata que tirei do pescoço. Um lugar ao sol. Há um mês que deixara o escritório, de regresso à encruzilhada. Há não era o Silva - silva rasteira entre cedros de antanho. Encontrara-me. Os cantoneiros a meu lado, levantaram-se de enxada ao ombro. - Então, camarada? - perguntaram, sorridentes. Olhei a estrada longa, reverberando ao sol. Estrada do meu destino e todos os Silvas que têm má letra. Peguei na enxada e segui-os.

(SOEIRO PEREIRA GOMES)

HOMEM- Estou num café com espelhos. Parece não haver trabalho aqui para ninguém, parece que se vive na inacção, sem ilusões ou esperanças; e, não havendo trabalho, todos os direitos pertencem à propriedade. Aqui, a gente encontra-se fraccionada em dois grupos extremos e irreconciliáveis: os que vão ao café e os que não podem ir. Abençoado seja o café porque nos deixa acreditar que ainda se vive. Estou num infundável país de latifúndios, habitado por pessoas muito ricas e pessoas muito pobres.

VOZ A- Os ricos comem porco e têm ictericia.

VOZ B- No inverno aquecem-se à lareira e no verão dormem de dia e vivem de noite.

VOZ 1- Por sua vez, no inverno, os pobres aquecem-se ao sol e poupam energias roçando-se pelas paredes caiadas.

VOZ 2- Quando vem o calor mastigam bufadas de vento nas ruas vazias.

VOZ 3- Estão sub-alimentados e perdem o apetite.

VOZ 1- Quando trabalham a espinha estala-lhes.

VOZES 1,2,3- A terra é fértil e produz sem esforço quanto lhe peçam.

VOZES A,B,C- Mas esta terra, possuem-na os ricos porque os pobres não têm propriedades.

HOMEM- O meu país é de minifúndios, habitado por pessoas bastante ricas e também por pessoas bastante pobres, completamente pobres algumas.

VOZ C- Os ricos comem e bebem, para acabarem morrendo de apoplexia.

VOZ A- Os ricos dormem pouco, cogitando quase sempre no que têm a juros ou na acção que irão pôr contra o vizinho.

VOZ B- Fazem caridade com palavras como estas: que Deus o proteja.

VOZ C- Sonham com o poder e tornam-se amigos de quem o tem.

VOZ A- Administram os seus bens e sempre que podem pretendem ainda administrar os alheios.

VOZES 1,2,3- Os pobres comem o que têm.

VOZES A,B,C- Quando o têm.

VOZES 1,2,3- Quando a terra que têm não lhes chega para viver, convergem um fato e vão pelo mundo.

VOZES A, B, C- Às vezes fazem-se ao mar e arriscam a vida por um naco de pão. Trabalham de sol a sol, ou de estrela a estrela, porque ninguém lhes paga para viver e têm que arrancá-lo, eles mesmos, da terra ou do mar.

HOMEM- Percorri esta terra onde os olhos se perdem nos trigais e nas oliveiras. E vi nas povoações homens ressequidos que se abandonavam às portas de casas. Fome, quando se vive num mar de pão. Ouvi contar:

HISTORIA- A uma herdade chegou um dia o velho Maura. O dono da quinta gabou-se de ter as melhores instalações do país - "Aqui dormem os porcos, aqui parem as porcas". Ali tudo estava limpo, transparente, luzidio. Chegaram,

então, a um recanto imundo, a um estrado de palha e sacos velhos. "Que é isto?" Perguntou D. Antonio Maura. "Aqui é o sítio onde dormem os malteses". Então D. Maura disse-lhe o seguinte : "Pois ^{trate} de ver se eles não acordam". O conselho de Maura não chegou a entrar na cabeça do proprietário. Por seu turno a gente daqui já não acorda, porque acfome dá sono.

HOMEM- Mas também ouvi cantar da boca de um maltês:

MALTÊS- 1.

Em Cerromaior nasci.
Depois, quando as forças deram
para andar, desci ao largo.
Depois, tomei os caminhos
que havia e mais outros que
depois desses eu sabia.

E tanto já me afastei
dos caminhos que fizeram,
que de vós todos perdido
vou descobrindo esses outros
caminhos que só eu sei.

2.

Veio a guarda com a lei
no cano das carabinas.
Cercaram-me num "montado";
puseram-me joelho em terra;
gritaram que me rendesse
à lei dos caminhos feitos.
mas eu olhei-os de longe,
tão distante e de tão longe,
o rosto apenas virado,
que só vi em meu redor
dez pobres ajoelhados
perante mim, seu senhor.

3.

Gente chegou às janelas,
sairam homens à rua:
- as mães chamaram os filhos,
bateram portas fechadas.

E eu, o desconhecido,
o vagabundo rasgado,
entrei no largo da vila
entre dez guardas armados;
- mais temido e mais amado
que o Deus a que todos rezam.

- Que nunca mulher alguma
se rendeu mais a um homem
que a moça do rosto claro
ao cruzar os olhos pretos
com o meu olhar de rei.

4.

... E vendo que eu lhes fugia
assim de altiva maneira
à sua lei decorada,
lá,
longe do sol e da vida,
no fundo duma cadeia,
cheios de raiva me bateram.
Inanimado,
tombei por fim a um canto.

E enquanto eles redobravam
sobre o meu corpo tombado,
adormecido
eu descansava
de tão longa caminhada.

HOMEM- Mais terra, mais paisagem, mais lugares, mais pobres. Mas os pobres daqui aparentam uma transcendência que de facto não possuem. As vezes amedrontam...

VOZ A- (dirigindo-se ao homem) "Companheiro, hoje por mim, amanhã por ti."

HOMEM- ... mas...

VOZ A- (humildemente, abordando um comandante da guarda civil, que passa) "Senhor, dê-me uma esmolinha, por amor de Deus".

HOMEM- Sentado no café, vejo passar por mim um bando de pobres.

E um dos erros doutrinários do primeiro neo-realismo (erro que, aliás, abrangeu outros sectores ideológicos) foi o da adesão esquemática (e consequentemente dogmática) à tese abstracta da classe ascendente, o que redundou em crítica epidérmica do figurino burguês. E não se considere este erro fortuito ou circunstancial: ele implicava uma realidade económico-social, e significava que a consciência progressiva do País, como no tempo da I República, punha ainda as suas esperanças na pequena-burguesia, à míngua de massas proletárias suficientemente conscientes e representativas (em número e em força organizada) para criarem, no seu próprio seio, uma vanguarda sólida e destacada. Que remédio, portanto, se não aceitar que meia dúzia de fórmulas um tudo-nada mágicas transformassem dos pés à cabeça o pequeno-burguês num intelectual de esquerda ou num líder de massas?

Pequeno-burgueses que eram, como tal a subjectividade desses poetas se manifestava, pois o mais a que aspirava não se inseria nos quadros do quotidiano, de que brota o lirismo, mas sim no plano das ideias abstractas que só o tempo e a experiência poderiam levar a sensibilidade a adoptar, mediante a intercorrência de uma mutação favorável. Só a acção política e social, definindo um quotidiano específico, poderia favorecer o advento imediato de tal subjectividade necessária, gerando o poema neo-realista pelo estímulo da situação concreta. E não houve entre nós uma Resistência em armas (como na Espanha ou na França), nem poetas que assumissem responsabilidades idênticas à de um Neruda ou às do romancista Soeiro Pereira Gomes.

Mário Soares

- H: uma crítica Neo-Realista?

---- 1941

---- 14 de Agosto estreia em Buenos Aires "Os Velhos não devem ena-
morar-se".

Por negócios rivais
de ruas e praças,
estrategas da noite
agora combatem.
Uma lanterna inútil
iluminava
o seu ódio brutal:
mãos e chagas
esbranquiçadas dos olhos
que não viam.
Acometem-se os dois
garrote em riste:
ferocidade atroz
de brontosáurio
ilumina os sentidos
de ouvido e tacto.
Cautelosos, subtis,
para ficarem
em terreno talvez
mais favorável
para a sorte final
do seu impacto.
Não falha uma só vez
essa investida
de sombra contra sombra.
Esmagavam-se
os crâneos rapados
-pedra moída-
mesmo até ao mais íntimo
da medula.
Depois de largo tempo
desta desordem,
um, lançando um grito,
cai sob o golpe:
já não se move mais.
Cheio de feridas
se abaixa o vencedor
para orientar-se
pelo sangue que flui
deste cadáver.

Salvador Espriu

La Baralla de dos cecs
captaires

A roupa vai tocando
com grande pausa,
nos sítios mais profundos
a mão tacteava
e o bolso esvazia
de alguns centavos.

Os velhos não devem enamorar-se

Minhas senhoras e meus senhores:

Ides assistir a uma farsa em três actos, na qual se demonstra que os velhos não devem enamorar-se; mas não penseis que a minha obra é de tese. Não, não é uma obra de tese. Trata-se apenas de uma síntese artística, melhor, de uma artimanha cenográfica onde se jogam o amor e a morte de três velhos imprudentes; o boticário Don Saturio, que não suportou o embuste de Lela e se envenenou com sublimado da sua própria botica; o fidalgo Don Ramon, que por um beijo da Micaela morre deitadão no estercço; e usurário senhor Fuce, que por ir casar com Pimpinela, morre de felicidade. São três faces diferentes de um mesmo drama, contado à maneira galega para regalar os que passam com preceito a nossa linguagem. Mas este clássico drama, que agora ides ver numa nova farsa, é, ainda, um aviso sério que fazemos aos velhos namoradinhos. Cumpre dizer que as velhas não estão no caso dos velhos, ainda que os amores tardios andem sempre emparelhados com a morte, pois neste caso são os moços que perdem a vida, chupados pelas indecentes velhas. Não, o drama é de homens que se enamoram tardiamente, porque não se lembraram aproveitar-se do amor quando eram novos, ou porque pretendem furtar-se à morte quando já a carregam às costas. Os homens devem procurar os tesouros do amor na mocidade, e guardá-los bem guardadinhos até à velhice, se quiserem ter o respeito do mundo e não pretendem ver-se retratados neste género de comédias. Ninguém treça de um velho e de uma velha que continuam a amar-se docemente. E que emoção não dá ver um velho que chora um amor perdido na mocidade! Os velhos devem conservar os amores antigos, que os ajudam a viver; mas, com os amores novos, morrem, e a sua morte faz rir as pessoas.

Dite isto, é tempo de darmos início à farsa. E se ela fosse do vosso agrado e auter sentir-se-ia feliz.

S E G U N D O A C T O
P E R S O N A G E N S

D. ROMÃO , Velha esponja embebida em vinho tinto . Fidalgo fim-de-raça.
OS PAIS DE D. ROMÃO , Retratos que vivem e falam .
MICAELA , Moça matreira, de carneção rija.
O PORTUGUES , Finório caçador de lebres corridas.
RAPAZ , Filho de raposa.
DUAS MÁSCARAS, (O Demó e uma porca) Chocarreiros.
MULHERES, Quatro abrolhos de picardia.
DOIS ESPANTALHOS E UM SAPO, Mistérios da noite orvalhada .

(Todos os personagens trazem máscara, menos os retratos dos pais de D. Romão)

— x —

CENA I

(Ao fundo uma parede e no centro desta uma porta. Aos lados da porta dois retratos : o da D. , uma fidalga e o da E. , um fidalgo. São os pais de D. Romãozinho. As caras dos retratos têm vida e falam quando lhes toque a vez. Saem da porta os pés de D. Romão que está deitado no chão. Depois entrará um rapaz. Ao erguer o pano há um intervalo de silêncio e imobilidade).

D. ROMÃO

(Sentando-se a custo) Vai-te, vai-te Romãozinho, que esta noite apanhas-te-a boa! (erque-se a gemer, como se lhe doessem os rins). O raio da rapariga que me faz sede e o vinho que me vence, acabam por queimar-me os fígados. (começa a passear, aos bordos, e os olhos do retrato sequeem-no, assanhados). O beijo de ontem custou-me uma leira; mas ou pouco valho ou a rapariga há-de ser minha! Ainda que me custe quanto herdei de meus pais.

A MÃE

Bêbado !

D. ROMÃO

(Surpreso) Eh ? O quê ? Que dizes, papageio real ?

A MÃE

Perdulário ! Esponja ! Zombar assim de quem te deu o ser !

D. ROMÃO

Deste-me o ser ? Então também te devo a sede que tenho !

A MÃE

Respeita-me, degenerado, que sou tua mãe !

D. ROMÃO

Pois não pareces, porque eu sou mais velho que tu. Por isso cale-te, eh' E muito cuidadinho comigo!

A MÃE

Malcriado!

D. ROMÃO

E quem te mandou a ti criares-me? Tinhas dinheiro bastante para pagar a uma ama.

O PAI

Nem pareces meu filho!

D. ROMÃO

Tu, também? Claro que não sou teu filho. Antes pareço teu pai.

A MÃE

Dar uma leira por um beijo...! Baboso!

O PAI

Estragares o que herdaste! E com essas cadelas ranhosas...!

D. ROMÃO

Quem tas dera a ti!

O PAI

Eu sempre respeitei a minha condição. Sempre obedeci à lei da fidalguia. Sempre!

D. ROMÃO

Intrujão! Juras que nunca perdeste a cabeça por uma mulher?

O PAI

Nunca!

D. ROMÃO

Isso dizes tu por estar ali a tua dona, que é de cabelinho na venta.

A MÃE

(Suspirando) Teu pai era um poeta.

D. ROMÃO

Poeta? Ora, ora, ora. Poeta porque te fazia versos de rebuçado?

O PAI

Poeta, sim, e não um borracho.

D. ROMÃO

Pois fica sabendo que houve borrachos que fizeram melhores versos do que os teus.

O PAI

Degenerado! Nem pareces meu filho!

D. ROMÃO

Olha lá, meu pândego! Já por duas vezes que dizes a mesma coisa e estás a ofender a minha mãe!... (voltando-se para o retrato da mãe). Não estás a ouvir o que diz o teu poeta? Está a dizer que não pareço filho dele.

O PAI

Canalha!

A MÃE

Arreeiro! Não pareces nem filho dele , nem meu .

D. ROMÃO

Pois se não sou vosso filho, deixai-me em paz. E muito cuidadinho, eh ! porque senão mando-vos passear (surge pela porta um rapaz com um guarda-chuva debaixo do braço e uma gorra enterrada até às orelhas).

RAPAZ

Bons dias, D. Romãozinho !

D. ROMÃO

Já te tenho dito que quando te apresentares diante de mim, tiras a gorra, ouviste ?

RAPAZ

(Encolhendo os ombros) Está bem, sim senhor, mas como está rota ...?

D. ROMÃO

Que vens cá fazer ?

RAPAZ

Venho da parte da Micaela ... (esqueceu o recado) Que boa moça !

D. ROMÃO

Deixa-te de lérias, garoto, e acaba de dar o recado.

RAPAZ

Pois disse-me a Micaela que como hoje é domingo de entrudo e o povo anda com histórias e bisbilhotices, que não vá a casa dela .

D. ROMÃO

Está bem ! Agora pisga-te, pisga-te, gandulo (empurra-o para fora)

RAPAZ

(Ao sair da porta vira-se para trás) O D. Romãozinho ! O senhor tem uma sorte ...!

A MÃE

Que nojo !

O PAI

Que vergonha !

D. ROMÃO

(Chamando para fora da porta) Maripepa ! Ma-ri-pe-pa !! (uma voz de longe) Senhor !

D. ROMÃO

Traz-me já uma caneca de vinho tinto ! (os pais fecham os olhos e D. Romão passeia-se pela cena).

CAI O PANO PARA OUTRO QUADRO

CENA II

Fundo e chão verdes. Vêm-se quatro mulheres sentadas num valado todas rindo a bandeiras despregadas. Duas máscaras (um demônio e uma porca) fazem as delícias das mulheres. Entra depois D. Romão.

DEMO

(Batendo na porca) Lençol de esterco | Manta esfarrapada !

PORCA

Ai, ai ! que me matam !

DEMO

Filha dum cevado ! Estafermo ! Vou-te moer com pancadaria .

PORCA

Acudam-me que este homem dá cabo de mim !

DEMO

Vou torcer-te a língua como um parafuso ! Para que respeites estas mulheres .

PORCA

(Aparando as pancadas e olhando a distância) Vê que me magoas ! Repara quem ali vem ! É D. Romãozinho , o fidalgo do paço e há que respeitá-lo ! (entra D. Romão, cambaleante. As mulheres riem e as máscaras recebem-no com cortezia).

DEMO

Boas tardes, meu amo !

PORCA

Boas tardes , D. Romãozinho!

DEMO

Diga lá , D. Romão , para onde navega o almirante a estas horas no meio da tormenta ?

P

D. ROMÃO

Vou onde me apetecer .

PORCA

(Ao Demo) Deixa-o ir, homem , que vai bem acompanhado ... Vai ver a minha comadre não sabias ? Vai ver a filha do entrudo, a marquesa das filhozes .

D. ROMÃO

Haja respeito, eh ! Não somos da mesma igualha .

DEMO

(À porca) Vês, porca das almas ? Quem te mandou meter com D. Romãozinho ? Ele vai onde lhe der a gana que por isso nasceu fidalgo e tem solar .

PORCA

Fiz mal em dizer que vai ao serão da marquiza (as mulheres riem muito)

D.ROMÃO

Mais tento na língua. Não roubem o crédito a nenhuma mulher de bem (as mulheres

DEMO

Vês ? Já se aborreceu o meu amo e com toda a razão . Cuidas que D. Romão é parvo , ou qué ? Ele sabe muito por onde vai e para onde vai ...

PORCA

A casa da minha comadre fica longe e eu tenho medo que D. Romãozinho tropece e espalhe o dinheiro na lama !

DEMO

Não tenhas medo. D. Romãozinho vai bem alumiado, e hoje leva uma chama... (as mulheres dão novas gargalhadas).

D. ROMÃO

São partidas de entrnudo . Mas muito cuidadinho comigo, eh! pois quando me ponho teso ... até os cães trepam pelas paredes .

PORCA

Sim, senhor, sim ... A este temos de abaixar as orelhas. (ao Demo) Quem te mandou ralar a paciência ao D. Romãozinho ? Não sabes que ele é galo de poleiro alto ?

DEMO

D. Romãozinho é galo velho, de esporas afiadas e gosta de galinhas novas ... D. Romão é mais do que um galo, é um raposo, e quando entra num galinheiro ... Tá,tá,tá... !

D. ROMÃO

Tão raposo como qualquer outro.

DEMO

Também eu gosto de galinhas novas ...

PORCA

Também gostas de franganitas ...? Mau homem ! Lobo carniceiro! Adúltero!!

DEMO

Espera que já apanhas um coice (o Demo e a Porca agarram-se a D. Romão, perseguem-se em volta dele, obrigando-o a rodopiar e D. Romão fica tonto).

D. ROMÃO

(Quase sem fôlego para falar) Quem pensais que eu sou ? Um bonifrate ? Sou D. Romão, o fidalgo do paço, e vós sois uns quaisquer .

PORCA

Sim, senhor, sim.

DEMO

Tem toda a razão o meu amo .

D. ROMÃO

Ainda há castas, perceberam ? E quem vos pariu que vos lamba.

DEMO

Desculpe, D. Romãozinho. E vá-se embora que pode chegar tarde ao serão. Mas tenha cuidado não caia em qualquer marosca. Veja onde põe os pés que no melhor da festa ...

PORCA

No melhor da quê ? A minha comadre não é nenhuma trapaceira. É mulher de bem e muito honrada. Senão perguntem ao português ... (as mulheres

escangalham-se a rir).

D. ROMÃO

Basta de lérias. Chega ! Vou-me embora, senão ...

DEMO

Divirta-se meu amo . E dê lembranças à marquesa ...

PORCA

As lembranças não enchem. Dê-lhe bago, massinha !... Sim? meu escarave-
lho de ouro !Dê-lhe leiras e pinheirais !

D. ROMÃO

(Afastando-se das máscaras)Que gente ! Que gente !

CAI O PANO PARA OUTRO QUADRO

CENA III

Quarto com uma fresta lateral. No primeiro palno uma cortina. Falam
Micaela e o português. Depois D. Romão.

MICAELA

O D. Romão anda doidinho por mim e, pouco a pouco, quanto tem vai caindo
nas minhas mãos.

O PORTUGUÊS

E nas minhas. Não te esqueças do combinado.

MICAELA

O combinado é casarmos nós depois (escutando). Parece que abriram a can-
cela ... Será o D. Romão ?

O PORTUGUÊS

É capaz de ser o rapaz .

MICAELA

Deixa-me espreitar pela fresta (olha e volta alarmada). Ai, Deus do Céu!
Anda, desgraçado ! Agacha-te por detrás da cortina que aí vem D. Romão.

O PORTUGUÊS

(Pondo-se diante da cortina) A ver se acabas com isso de uma vez e o
botas fora a seguir.

MICAELA

Olha que o velho pode fazer a nossa felicidade . Deixa-me cá a mim e ter
paciência, coração . (Micaela senta-se junto à fresta e logo assoma a
a figura de D.Romão).

D. ROMÃO

Posso entrar, Micaelinha ?

MICAELA

O senhor está doido, D. Romãozinho! Já ando nas bocas do mundo por sua
culpa e ainda me quer perder mais ! Não lhe mandei dizer que não viesse
hoje ?

D. ROMÃO

Não nosso deixar de te ver .

MICAEELA

Pois hoje bem podia ficar no paço e não vir comprometer-me, que uma moça solteira logo perde a reputação .

D. ROMÃO

Se a perderes por minha causa estou pronto a pagá-la. Queres tudo o que tenho, por ela ? Mais não te posso oferecer .

MICAEELA

Sou pobre mas não me vendo por tudo quanto há no mundo .

D. ROMÃO

Sabe-se lá! Por menos, até por nada, pode levar-te qualquer patife.

MICAEELA

A mim não me interessam os homens. Que o diabo os leve a todos ! Que o inferno os coma !

D. ROMÃO

Também queres que o diabo me leve a mim? Não te aflijas que não tardará que me leve se continuas a desprezar-me.

MICAEELA

Eu não o desprezo , D. Romãozinho, porque o senhor não é como os mais. Boa prova disso lhe dei ontem ! Boa prova lhe dei !

D. ROMÃO

Afinal, foi só um beijo .

MICAEELA

Pois por alguma coisa se principia e já estou arrependida do que fiz. Ai, estou, estou !

D. ROMÃO

Pois hoje venho por outro.

MICAEELA

De dia ? Ai, que vergonha (Tapando a cara que logo descobre) . Julga que eu sou uma qualquer, D. Romãozinho ?

D. ROMÃO

Se me dás outro beijo ofereço-te outra leira.

MICAEELA

Nunca beijei homem nenhum . Juro que foi o senhor o primeiro !... mas tenho medo, sabe ? Tenho medo de perder a razão e depois o senhor que se raposo ... porque eu sou também de carne e osso e tenho coração, sabe ?

D. ROMÃO

E que tem? Não perdias nada comigo .

MICAEELA

Agora não lho dou , Agora não. Tenho muita vergonha.

D. ROMÃO

E logo ... ? Quando ... ? Quando mo dás ?

MICAEELA

Esta noite, à saída do baile .

D. ROMÃO

Tu vais ao baile ? Vais dançar com o português ?

MICAELA

Não se aflija com isso que o português é moço como os outros e os homens a mim ... Bem, não amadurece esta pera para qualquer melro. Sou divertida, mas tenho cabeça !

D. ROMÃO

E onde te vejo esta noite ? Deixas-me entrar na tua casa ?

MICAELA

Não vá tão depressa, D. Romãozinho. Espere-me ao pé da cancela quando o baile acabar.

D. ROMÃO

Quanto te quero, Micaelinha !

MICAELA

E não se sequeça do prometido porque quando uma pessoa é pobre de todo não quer andar a pedir quando chegar a velhice.

D. ROMÃO

Quem sabe se tudo quanto tenho não será para ti ?

MICAELA

Agora vá-se embora, D. Romãozinho, que hoje é domingo de entrudo e podem vê-lo aqui e depois é tudo um falatório.

D. ROMÃO

Sim, mulher. Esta gente daqui é muito ruim. Vou-me embora já, e até à noite, Micaelinha.

MICAELA

Vá com cuidado e já sabe no que ficamos.

D. ROMÃO

Então, adeus.

MICAELA

Adeus. (Sai D. Romão e Micaela fica um bocado junto à fresta. O português sai da cortina)

MICAELA

(Voltando-se para o amante) Não te podes queixar de mim.

O PORTUGUÊS

Bem podes sacar a esse velho tudo quanto tem, e depois nós ... Tá, tá, tá! Tu não trabalhas mal, não!

MICAELA

E tudo isto faço por ti, ladrão!

O PORTUGUÊS

Por cada beijo uma leira... Não está mal ! Mas pelo que me deste bem podias pedi-lhe o paço.

MICAELA

(Abraçando-o) Meu malandro !

O PORTUGUÊS

(Abraçando Micaela) Meu repolhinho . (cantando um vira)

O amor que andas buscando,
Ai! Está no meu coração
Eu sou o favo de mel
Tu és o meuabelhão.

Ó vira e ó vira
Vamos nós dançar
Ó vira e ó vira
que vamos casar.

CAI O PANO PARA OUTRO QUADRO

CENA IV

(Fundo negro, com uma fresta acesa. O chão, verde-negro, a dissolver-se na negrura do fundo, onde estão dois espantalhos de frente para o público. Entra D. Romão aos bordos; depois um sapo e, por fim, os espantalhos que se erguem e vêm para a frente).

D. ROMÃO

(Com a língua entaramelada) Eu sou um velho ladroeiro - um rachador - tá, tá, tá ... Bom, um pirata ... um pirata que não se tem de pé. Estas malditas pernas estão-me a falsear ^{para} (Falando consigo) Eh lá Romãozinho : Tente! Tente! Aguenta-te, pirata! (por detrás da fresta estrugem gargalhadas e vozearia). Ai se eu fosse moço...! Se eu fosse moço...! Se eu fosse moço já tinha entrado nesse baile e já tinha corrido tudo a pau... A cacete! porque para desfazer bailes cá estava o Romãozinho... (começa a dizer coisas que não se entendem, como se tivesse papas na boca e bamboleia-se muito em risco de cair). Estas malditas pernas ! Espe... espera, Micaela, que já vou ! Es-pe-ra minha prenda! Espera que eu não atino...! Pára, mundo, pára ! Pára, que me entonteces! Chó ! Chóóó ! (cada vez com a voz mais entaramelada, num bamboleio, cai por terra e tenta agarrar o chão) . Mundo, põe-te quieto... Não dês tantas voltas, desgraçado! Diexa-me levantar ... Ali ... na cancela ... Micaela... já vou ... (entra o sapo e chega-se a D. Romão).

SAPO

Não podes, meu velho, não podes .

D. ROMÃO

(Voltando-se) Quem é ? Quem é que está aí ?

SAPO

Vais morrer vestido e calçado, meu velho. Acabou-se-te a corda. (D. Romão, esgotado de mexer, cai vencido, de costas, pelo esforço e fica estendido . o sapo salta-lhe para cima).

SAPO

Já não respiras e já tens a alma na garganta. Anda homem, anda, solta de uma vez o fôlego (põe-se a espreitar pela boca de D. Romão). Que é, queres que te ajude ? (carregá-lhe na caixa do peito). A ver que alma botas. Anda, homem, faz um esforço e ficas logo em paz . Não sejas preguiçoso no morrer. Um pequeno esforço e já está ! Deixa-sair o que tens na gorja. Não tenhas medo que a luzinha da alma não queima. Vais ver como é fria . Anda, que depois do passamento já não sentes nem padeces. Abre a boca. Assim! Anda que está a sair. Sopra um pouco e já está . Anda, arregala os olhos. Assim ... assim... agora , já está . (dá boca de D. Romão sai uma luzinha que foge pelo chão)

SAPO

Olha que luzinha ... ! olha que luzinha ... ! (dando pulos de alegria sai da pená seguindo a luzinha. Entretanto começa de cada lado da fresta uma muinheira de pandeiros, cantada por rapazes e raparigas . Os espantalhos erguem-se como gigantes, vão até junto do corpo de D. Romão e bailam em sua volta)

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

(cantam rapazes e raparigas à volta do corpo de Don Ramón)

Este pandeiro que toco
tem o coiro encarquilhado
tirei-o a um gato
que andava no meu telhado

Este pandeiro que toco
já tem a pele a rasgar
de tanto dá-lhe que dá-lhe
de tanto nele tocar

Este pandeiro que toco
já tem o coiro virado
quando se toca a preceito
bailam os demos no adro

- 1945
- Conferência de Yalta
- Morte de Roosevelt
- Capitulação da Alemanha
- Lançamento das primeiras bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki
- Nacionalização das minas e do Banco de Inglaterra
- Fundação da ONU e da UNESCO
- Julgamento dos criminosos de guerra nazis
- Guerras nacionais na China, Indochina e Indonésia
- Eleições legislativas em Portugal
- Cria-se o Movimento de Unidade Democrática, chefiado entre outros por Bento de Jesus Caraça e Mário de Azevedo Gomes
- Do Cardeal Patriarca ao clero e aos fiéis:
- "Todo o totalitarismo nega a missão e a liberdade da Igreja e sacrifica os direitos da pessoa no altar do Estado, da classe ou da multidão".
- Marcelo Caetano, Ministro das Colônias, visita o Ultramar.
- Salazar entrevistado por António Ferro:
- "O País não suporta ditaduras violentas nem pode progredir em regime de partidos. Torna-se necessário fazer regressar a organização corporativa, com a possível urgência, às funções para que foi criada, e, quando isso se realizar, desaparecerá a maioria das queixas".
- Filmes:
- Marcel Carné: "Les enfants du Paradis"
- "Henrique V" de Laurence Olivier
- "Breve Encontro " de David Lean
- Robert Bresson: "As da mas do bosque de Bolonha"
- King Vidor: "Duelo ao Sol"
- Início do neo-realismo italiano:
- Rossellini: "Roma, cidade aberta"
- John Littwood funda em Londres o Teatro Workshop.
- Jovet estreia "a Louca de Chaillot", peça póstuma de Jean Giraudoux.
- Camus: "Calígula".
- Jean-Paul Sartre funda a revista "Les Temps Modernes".
- Morrem:
- Theodore Dreiser
- Paul Valéry
- Robert Desnos

- Georg Kaiser
- Mondrian
- Kandinsky
- Bela Bartok
- e
- Anton Webern
- Avião a turbo-propulsor
- Jean-Paul Sartre publica "Os caminhos da liberdade".
- Gabriela Mistral ganha o Prémio Nobel.

- 1946
- Fundação do Teatro Estúdio do Salitre
- Morte de Abel Salazar

---- 1947

---- Independência da Índia e Paquistão

---- Criação do Grupo Surrealista DE Lisboa.

---- 1949

---- Triunfo da Revolução Socialista na China

---- Egas Moniz recebe o Prémio Nobel

"Eu não temo a morte: apertão a cara até sentir a própria caveira. Porque sei que a morte não é o pior: o mal que desejo ao meu inimigo é que viva até sobreviver-se".

185

----- 1950

----- 7 de Janeiro

----- Morre Alfonso Castelao.

Castelao foi uma das mais belas amas que jamais conhecemos. O que se divide por muitos homens e os faz, um por um, notáveis, fundia-se nele e formava um conjunto milagroso. Era homem e bravo. Herói e santo. Possuía o sentido do humor e o sentido trágico da vida. A candura lírica e feminina duma Rosalia, unia o vigor e a capacidade de expressão dramática de um Goya. E, se foi um condutor de homens, não obrigava pelas suas qualidades de mando, mas pelo poder de simpatia e encarnação generosa dos ideais duma Grei secularmente oprimida.

A Galiza e Portugal perdem nelle uma das mais perfectas e genuinas expressões da sua alma commum. O flor do espirito tal alta e pura, não podia vingar em plena tempestade de violência. O seu destino, que era o de unir fraternalmente, malogrou-se na Terra e na Era de Calm.

Mas a sua memória conforta como a presença de alguma coisa de divino, com a certeza de que os homens e os novos podem algum dia entender-se, para além da fome do pão, pela fome do espirito.

-De Rodrigues Lapa para a viuva de Castelao

-Exma Sra D. Virginia Pereira de Castelao

Só agora soube do falecimento de seu marido. Senti a sua morte como a de um irmão, porque éramos verdadeiramente (amigos) irmãos na língua que falávamos, na cultura em que entramos o ser, na ânsia de justiça e no amor ao povo de que comungávamos.

Encontrámo-nos, por vezes, em Portugal, mas, com o vendaval da guerra civil, nunca mais nos tornamos a ver. Mas segui sempre cá de longe a sua generosa aventura.

A Galiza perdeu com a morte do seu marido o seu homem mais representativo, o seu herói, difícil de substituir por muitas gerações.

Resta contudo a sua obra, que é um monumento imperecível, vingador da terra oprimida, e uma lição de ternura e de amor pelos humildes, traduzida em forma de arte incomparável.